

# OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	28.º Anno — XXVIII Volume — N.º 947	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Annuario Commercial — Calçada da Glória, 5
Portugal (franco de porte), m. forte...	2\$800	1\$600	540	120	20 DE ABRIL DE 1905	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.—Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	640	160		
Estrangeiro (união geral dos correios)	3\$000	1\$500	540	120		



## A CEIA DO SENHOR

Quadro existente na igreja de Refoios de Lima

(Copia da gravura a talho doce de Antonio José Nunes Junior)

## Chronica Occidental

Primavera! Primavera!

Mas não é da formosa entre as formosas cantada pelos poetas de todas as latitudes em todos os tempos que hoje teríamos poezia de elogio. Tivemos-a ali e muitos se esqueciam de sua beleza para insultar-a.

Um dia, porem, o céu toldou-se, o vento girou, e um Abril feissimo foi recebido com bençãos, orações, e até foguetes.

E' bem certo o dictado: Quem vê caras não vê corações. A boa Primavera, a generosa protectora dos lavradores poz de parte todas as galas, trocando o seu manto azul com poeiras d'ouro pela capa esfarrapada das nuvens fuliginosas.

Foi uma alegria. Poderam alguns habitantes de Lisboa queixar-se do mau tempo: os que foram ao campo pequeno e não viram toiros, os que foram ao jardim zoologico e não viram o balão, os empregados de theatro que n'um domingo não apanharam meia casa. Mas pelo resto do paiz não se ouviam senão exclamações: é oiro que nos está cahindo.

O anno, que tão cheio de ameaças se apresentava, assim talvez ficará celebre pela sua abundancia. Póde a felicidade nascer d'um temporal.

Quem dera aos politicos poder convencerem-se d'esta verdade. Poderiam os ministros agouirarem o melhor possível dos tumultos na camara dos deputados logo na estreia do presidente, Sr. Vicente Monteiro.

Andam os ares muitissimo turvos. Quem dera poder dizer como os lavradores: E' oiro que nos vae cabir.

A opposição impacienta-se, o Sr. José Luciano de Castro ainda não sahiu de casa, as férias da Semana Santa addiaram por muitos dias a sua comparencia na Camara. Boatos de crise não faltam espalhando a sahida do Sr. Pereira de Miranda, e citando-se varios nomes de importantes politicos para substitui-lo.

Os espiritos andam exaltados e os máus exemplos como sempre fructificam. Não sómente na Camara dos Deputados houve assembleas bulhentas; o mesmo succedeu no Credito Predial e até n'uma reunião de estudantes.

E' possível que a Semana Santa venha refrescar as cabeças dando-lhes por uns dias uma distracção ás paixões partidarias.

O mais natural porem é que o descanso forçado, em vez de reprimil-as, as acendeie.

O tempo das amenidades será n'este caso de incommodas ironias para os Srs. Ministros.

Costumam as Camaras reunir-se no inverno; d'esta vez, entrarão pelo verão dentro e é possível que o calor mais inflamme as rhetoricas. O certo é que quem gosta de surpresas tem agora direito a esperal-as e das maiores.

O inverno acabou. Certos marcos no tempo vão-nos dizendo o que elle vae caminhando. Fechou S. Carlos, abriu a exposição de Bellas Artes.

Faltaram d'esta vez com suas obras nas sallas de S. Francisco alguns dos mais notaveis artistas portugueses: Columbano, Salgado, Ramalho, Teixeira Lopes.

Por motivo de doença não pudemos ainda visitar a exposição; mas segundo informações de jornaes, ha nas sallas quadros dignos de serem admirados sobresahindo alguns de Malhõa, um magnifico pastel de El-Rei, paysagem do Alemtejo.

Fecundos em noticias de boa arte foram estes ultimos tempos e ainda promettem ser alguns d'estes dias mais proximos.

Foram brilhantissimos os concertos realizados no theatro D. Amelia pela Orchestra Lamoureux regida por Mr. Chevillard.

A educação musical do publico de Lisboa tem-se feito pouco a pouco. Não vae longe o tempo em que Beethoven, Mozart e até autores modernos como Wagner, Berlioz ou Grieg não teriam em toda a cidade meia dusia de ouvidos que os escutassem de bom grado.

Lembramo nos ainda com pavor d'uns antigos concertos no salão da Trindade, em que figuravam tenores curiosos e furiosos pianistas tocando galopes de Ketterer e pots-pourris do Fausto.

Muito se deve entre nós á iniciativa particular.

No Conservatorio realizaram-se ultimamente algumas audições musicas que provam quanto tem conseguido a boa vontade intelligente d'alguns dedicados amigos da arte. Bastaria citarmos agora o concerto Rey-Colaço em que tomou parte a

eximia pianista, verdadeira artista, D. Elisa Baptista de Sousa Pedrosa; e a missa de Requiem que ali foi cantada sob a direcção do Maestro Sarti.

Brevemente teremos opera barata no Colyseu. Ainda que as operas em geral não sejam para a educação musical o que melhor existe, é inegavel, entretanto, que o Sr. Santos Junior, pela sua iniciativa intelligente, tem concorrido, e muito, para que o publico de menos posses, possa ter noções d'arte, que d'outra forma lhe estão completamente vedadas. De mais, diz-se que este anno será cantada no Colyseu a opera *Louise* de Charpentier que é, a obra prima do theatro lyrico moderno.

Dissemos atraz que bons dias de boa arte ainda se preparavam. Referiam-n'os ás representações que os societarios do theatro francez Férandy e Marie Lecomte veem dar ainda este mez. no theatro D. Amelia. Uma das peças representadas será *Les affaires sont les affaires*, de Mirbeau, que teve em França um exito por assim dizer incomparavel. Assim fechará a sua temporada o theatro do Visconde de S. Luiz, empresario a quem o publico de Lisboa deve muitos dos seus melhores momentos de gozo artistico.

Os theatros estão quasi todos a fechar. Os artistas estão todos de pé no ar, tratando de afivelar as mallas uns para giros na provincia, tentando outros viagens mais longas até aos Açores ou até ao Brazil.

A ultima novidade theatral foi no theatro de D. Maria a peça de Brieux *As tres filhas do Sr. Dupont*. Lemos varios elogios á peça e ao seu desempenho até em jornaes que geralmente se mostram pouco affeioados á actual gerencia. Ainda bem que assim foi porque um intelligente esforço de vontade deve sempre merecer o maior elogio.

Este anno a maré não favoreceu muito os theatros portuguezes, podendo quasi dizer-se que durante o inverno todo nenhuma peça houve que, com exito fóra do vulgar se sustentasse no cartaz.

Agora sim, agora é que dois espectaculos annunciados estão despertando vivamente a curiosidade, considerando-se feliz quem n'elles consiga ter entrada.

O primeiro promovido pela Sr.<sup>a</sup> D. Patrocínio Barros Lima de Almeida, realizar-se-ha no theatro de D. Maria e terminará pela representação da peça de Julio Dantas, *D. Beltrão de Figueirõa*. O auctor modificou o final da peça de maneira a permittir que entre maior numero de figuras na pavana, dança que será executada por alguns rapazes e meninas da primeira sociedade.

O outro espectaculo deve realizar-se no pequenino theatro Taborda e é promovido pela Sr.<sup>a</sup> Condessa d'Azambuja.

Serão representadas algumas conhecidas comedias e o espectaculo terminará pela audição de algumas musicas nossas populares, que estão sendo ensaiadas pelo distincto compositor, nosso amigo padre Borba.

E assim terminará o inverno elegante. As alegrias do verão são muito diferentes; mas o povo tem mais por onde se espalhe e se destraia.

Quando os paquetes sahirem conduzindo o José Ricardo para o Rio de Janeiro, ou Angela Pinto para a Ilha de S. Miguel, hão-de elles avistar muitas bandeiras sobre as lonas velhas das baracas de Alcantara.

Os theatros da feira fazem sua differença de S. Carlos, mas quanta vez não é n'elles maior o desejo de applaudir, a animação, a alegria dos espectadores!

João da Camara.

## A CEIA DO SENHOR

QUADRO EXISTENTE NA EGREJA DE REFOIOS

Solemnizando o dia de hoje, em que Jesus Christo ceiou com os Apostolos, é esse quadro da vida do Senhor na sua passagem pela terra, que apresentamos a nossos leitores.

A gravura que publicamos é copia do quadro que existe na igreja de Refoios de Lima e que foi reproduzido n'um bello talhe doce pelo fallecido director da Academia de Bellas Artes, Antonio José Nunes Junior e é um dos seus melhores trabalhos a que já nos referimos, quando escrevemos d'este notavel artista a pag. 72 do presente volume.



## Quinta exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes

Por um dia nublado, de primavera tardia, sem nesga de sol que penetrasse no velho convento de S. Francisco, abriu suas portas ao publico a exposição de quadros, o nosso pequeno *Salon* annual, onde alguma luz nos alegrou o espirito, a luz da arte, cultivada por um ou outro talento, luz consoladora que anima, que dá vida, porque nem só de pão vive o homem.

Cá fóra chuvia de quando em quando, e as ceiras que o sol hade doirar, cresciam nos campos promettendo-nos o pão da vida.

Lá dentro havia tambem a promessa de um bocadinho de pão para o espirito, e isso era o bastante para que as salas se enchessem de visitantes, muito antes da hora fixada, interessados por verem e analysarem os trabalhos expostos.

Ainda bem, que o interesse por estas coisas de arte vae crescendo, porque isso é o symptoma de maior progresso n'uma sociedade civilisada.

Bem sabemos que os artistas não fazem ainda fortuna, e até nem todos que se apresentam tem lá muito direito a fazel-a, valha a verdade. Mas alguns ainda pintam os seus melhores quadros para o *atelier*, por não haver quem lhes queira chegar ao preço. Lá virá tempo em que o dinheiro não seja só para cavallos ou automoveis, e se inclua nos orçamentos dos gastos de luxo alguma parcella para um bocadinho d'arte, para um repastosinho ao espirito mais elevado.

Os artistas vão pintando um ou outro retrato de encomenda. E' ainda a tradição.

Isso não basta. E' preciso entrar em novo caminho. E' preciso substituir os espelhos burguezes por quadros. Os espelhos de ricas molduras douradas que custam tanto como um quadro, e que depois de reflectirem no seu vidro polido muita coisa feia, quebram-se a uma terça ou sexta feira, com grande enguiço para os donos da casa.

Partiu-se o espelho!

Ah!

O quadro sempre nos encanta mais alguma coisa o espirito, conta-nos sua historia, é muitas vezes lição da vida, um conselho philosophico, uma recordação querida, suggestivo, impressionante. é, emfim, um bocado da alma do artista que ali imprime seu pensamento como nas folhas d'um livro, como nas notas d'um canto.

Quanta paixão, quanta vida, quanto talento foi mister para o produzir! E contudo o artista tem que contentar-se apenas com os elogios, quando muita vez a critica não interpreta desfavoravelmente a sua obra.

O comprador não entra por enquanto em grandes gastos, por isso é um sacrificio enorme fazer alguma arte.

Pois lá encontrámos alguns quadros que fazem honra a seus auctores, a par das insignificancias que plastram como nodos pelas paredes das salas.

Apenas entrámos na primeira sala logo nos impressionou bem o seu aspecto.

Prendeu-nos a attenção um bello retrato pintado por Carlos Rejs, um professor na figura e na paisagem, como se vê dos seus deliciosos quadros, *Cevadilhas em flôr* e *Pinhal*.

*Velha fiando* e *A procissão* dois quadros de José Malhõa, effeitos inteiramente oppostos. O primeiro sobrio de tintas, de effeito seguro e de uma verdade flagrante; o segundo de colorido e côr intensa, cheio de luz e de alegria, doirado de sol, animado de figuras que caminham, rapazes que tripudiam ao estralejar dos foguetes esfuziando pelo ar. Observação fiel de uma festa de aldeia; quadro bem portuguez como bem portuguezes são mais quatro que apresenta: *Compra do voto*, *O azeite novo*, *A extrema unção* e *Pensando no caso*.

De Henrique Pinto notámos *A portá da taverna* e *A ceia do porco*.

De Condeixa um bello effeito de luar e uns frescos lilazes, o que é pouco para este artista de mais folego.

Ainda n'esta sala encontrámos alguns quadros de João Vaz. Os seus barcos, as suas praias, faina do mar, com muito ar, muita luz, o que dá singular feição ás suas tellas.

Um nú da sr.<sup>a</sup> D. Emilia Santos Braga que se comprax n'este genero de pintura difficil.

Uns retratos e dois quadros de genero de J. Ribeiro Junior, que vae progredindo, deixando-se apaixonar pelos effeitosinhos de um latão que brilha, do lume d'um phosphoro que se reflecte nos oculos e na cara do fumador, como observámos nos seus quadros *O laticeiro* e *Uma cigarrada*.

Uns quadros de Alberto Gouveia, que pensa-



SEM CUIDADOS — *Ferreira Pinto*



VESPERA DE FESTA — *Almeida e Silva*



A CARICIA — *D. Emília A. Santos Braga*



A GEIA DO PORCO — *Henrique Pinto*



ESTUDO DE TYPOS E COSTUMES MILITARES DE 1702-1808-1834  
*Ribeiro Arthur*



RETRATO DO EX.º SR. J. HENRIQUE — *Roque Gameiro*

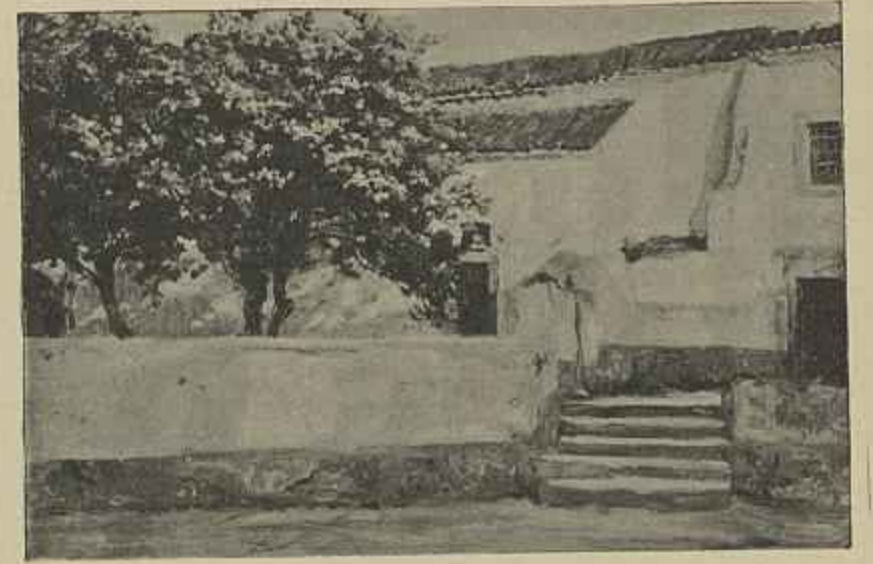
Quinta Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes



FONTE BALOIA — Roque Gamero



BARCOS NA VILHA — João Var



CEVADIEIRAS EM FLOR — Carlos Reis



PLAQUETE — João da Silva



A SOPA DA SANTA CASA — David de Mello



PLAQUETE — João da Silva



VELHA TIANDO — José Malhães



A PROCESSÃO — José Malhães



A VIÚVA DO CRÉVISTA — Almeida e Silva



RETRATO DO EX.<sup>o</sup> SR. J. S. — Carlos Reis

Conan Doyle

## O DEDO POLEGAR DO ENGENHEIRO

(Continuado do numero antecedente)

Pus-me a pensar nos cincoenta guineus que caíam como a sôpa no mel.

— De modo nenhum, accudi; e folgarei imenso de me conformar aos seus desejos. Não se me dava, porém, de comprehender com mais alguma clareza o que é que de mim exigem.

— Lá por isso não seja a duvida.

E' naturalissimo que o compromisso que obtivemos do senhor lhe haja excitado a curiosidade. Quero que opere com absoluto conhecimento de causa. Tem a certeza em como ninguem nos escuta?

— Certeza absoluta.

— Pois então, oiça. Não ignora, sem duvida, que a grêda é um producto valioso e que na Inglaterra apenas se encontra em dois pontos.

— Effectivamente.

— Ha tempos, comprei um pedaço de terreno, pouco importante, a dez milhas, pouco mais ou menos, de Reading, e tive a sorte de descobrir um jazigo de grêda em um dos meus campos. Examinada esta, confirmei-me em que o sobredito jazigo se prothabria pelas propriedades dos nossos vizinhos, tanto para a direita como para a esquerda, e succedia ser muito mais abundante nas terras destes do que nas minhas. Aquella boa gente ignorava em absoluto encerrarem os seus terrenos um producto precioso a par do ouro, e, coisa aliás natural, era de meu interesse compralhes o dito terreno antes de que lhe houvessem descoberto o valor.

Infelizmente, não dispunha de capital que chegasse para realizar a acquisição. Confiei o segredo a varios amigos, e aconselharam-me que explorasse muito a calada o modesto jazigo existente nas minhas terras, realizando por este meio a quantia necessaria para a compra dos terrenos vizinhos. Foi o que fizemos e, no intuito de facilitar as nossas operações, adquirimos uma prensa hydraulica. A dita prensa, conforme lhe expuz já, desarranjou-se, e desejamos o seu parecer a semelhante respeito. Guardamos porém o nosso segredo com a maxima cautela, pois se viesse a constar que frequentavam a nossa casa engenheiros hydraulicos, era caso para chamar a attenção: deve comprehender que, uma vez conhecida a verdade, lá se ia pela agua abaixo a probabilidade de adquirirmos os ditos terrenos e de levar a effecto o nosso projecto. Eis o motivo porque lhe exigia a promessa de não dizer seja a quem for que ia a Eyford esta noite. Ouso esperar que me terá comprehendido?

— Cabalmente. A unica coisa que eu não atinjo lá muito bem é para que lhe poderá servir uma prensa hydraulica tratando-se de extrahir a argila que se encontra simplesmente cavando.

— Ora! accudiu com desassombro, temos um processo especial. Comprimos a terra em ladrilhos, afim de a poder transportar sem que se saiba o que é. Mas pouco importa questão tão secundaria. Agora, senhor Hatherley, acha-se inteirado de tudo, e pôde avaliar a confiança que me merece.

E entanto ia falando, ergueu-se.

— Lá o espero pois em Eyford, ás onze e meia.

— Não faltarei á hora aprazada.

— E nem palavra seja a quem for.

— Fitou-me um derradeiro e insistente olhar cheio de desconfiança, e apertando-me a mão com uma pressão humida e fria, saiu a passo rapido.

Assim que recuperei sangue frio e que reflecti em tudo aquillo, causou-me estranheza o genero de trabalho que me propunham por semelhante forma.

Por um lado, estava satisfeito, visto como os honorarios eram dez vezes superiores ao que eu poderia exigir, e a incommenda me podia acarretar outras. Mas, por outro lado, o semblante e os modos do meu cliente haviam-me impressionado de modo desfavoravel, e naquella sua historia da grêda não conseguia encontrar explicação sufficiente quer a uma jornada nocturna quer a um segredo tão absoluto. Em conclusão, arredei de lado as minhas apreensões; jantei com optimo appetite, e embarquei em Paddington, sem haver desvendado fosse o que fosse do meu segredo.

Em Reading, tive que mudar não só de carruagem mas tambem de estação. Subi para o primeiro comboio dirigindo-se para Eyford, e cheguei á estação, pequena e mal alumada, já depois das onze horas. Era o unico passageiro com destino a Eyford, e não vi pessoa alguma na plata-

forma, á excepção de um carregador, a dormir, ao pé da respectiva lanterna. A' saída, porém, encontrei o meu cliente á minha espera, na escuridão; sem emitir uma palavra, travou-me do braço e ajudou-me a subir para uma carruagem cuja portinhola estava aberta. Correu os vidros de ambos os lados, tocou na parede do trem, e o cavallo abalou a tróte rasgado.

— Um cavallo, unicamente?

— Um, só.

— Viu que côr tinha?

— Vi, á luz das lanternas observei que era alazão.

— Pareceu lhe cansado, ou folgado?

— Folgadissimo, com o pêllo muito luzidio.

— Obrigado. Peça desculpa pela interrupção. E, se me faz favor, prosiga na sua interessante narrativa.

Partimos pois e rodámos pelo espaço de uma hora, quando menos. Dissera-me o coronel Ly-sander Stark que a distancia era de sete milhas, eu, porém, no passo em que iam e pelo tempo que permeou entre a partida e a chegada, estou em dizer que andariamos antes umas dôze milhas. O meu companheiro não falava e eu sentia-lhe os olhos pregados na minha pessoa. O caminho devia de estar ruim, a julgar pelos salavancos da carruagem. Tentei ver através dos vidros, eram porém vidros fôscos, e apenas conseguia avistar vagamente as luzes que iam perpassando de relance. De vez em quando, aventurava uma observação, no intuito de romper a monotonia de viagem, o coronel, porém, apenas respondia com monosyllabos, e a conversa cahia de per si. Até que enfim, aos solovancos da estrada veio substituir-se o rodar mais sereno de uma verêda ensai-brada, e parou a carruagem. O coronel Ly-sander Stark foi o primeiro a apaar-se e como lhe seguisse no encaicho, fez-me entrar muito á pressa por uma porta aberta na nossa frente.

E o caso é, que eu, por assim dizer, pus-me, de um pulo, da carruagem na sala de espera, e por conseguinte, não pude, sequer de relance, differenciar a fachada do predio. Assim que lhe transpuz os humbraes, fechou-se a porta com força, e ouvi rodar a carruagem retrocedendo caminho.

Lá dentro estava escuro como breu, e o coronel, ás apalpadelas, procurando os fosforos, a resmungar surdamente. De subito, abre-se uma porta no extremo opposto do corredor, e vem ferrinhos a vista um extenso raio de luz. Acto continuo, appareceu uma mulher, erguendo um candeeiro acima da cabeça, e debruçando-se para se affirmar nas nossas pessoas. Pareceu-me ser muito formosa, trajava um vestido de riquissimo estôfo, ao que pude avaliar pelos reflexos da luz nas prégas. Proferiu umas poucas palavras em lingua estrangeira, de toada interrogativa; respondeu-lhe o meu companheiro umas palavras breves e asperas, que a fizeram estremecer a ponto de quasi lhe escapar das mãos o candeeiro. O coronel Stark acercou-se da dama, segredou-lhe o que quer que fosse ao ouvido, e impelindo-a em seguida para o quarto donde saiu, veio outra vez ter commigo, de candeeiro na mão.

— Tem a bondade de esperar aqui, uns minutos, disse, abrindo outra porta.

O aposento em que me achava estava sobriamente mobilado: ao meio da casa, uma mesa redonda e, espalhados em cima desta, livros allemães, ao pé da porta um harmonio, sobre o qual o coronel Stark poisou o candeeiro.

— Conceda-me um instante, apenas, disse, e, afastou-se, sumindo-se na escuridão.

Observei os livros e, a despeito da minha ignorancia no tocante ao allemão, certifiquei-me de que dois eram tratados scientificos, e os restantes obras poeticas.

Fui á janella, esperando ver campo, a janella estava porém fechada por um postigo de carvalho, seguro com uma grossa tranca de ferro. Era estupendo o silencio d'aquella casa! Afóra o tique-taque de um velho relógio de parede, no corredor, tudo parecia morto naquella habitação. Principiei a achar-me invadido por vago sentimento de mal-estar. Quem seriam estes allemães, e que fariam naquelle sitio tão fermo e singular? E qual era a situação deste sitio? Achava-me a dez milhas, ou coisa assim, de Eyford, e eis tudo que eu sabia, mas ao norte, ao sul, a leste, a oeste? Impossivel de verificar! No intuito de me socegar, dizia commigo que Reading, e talvez que outras grandes cidades, se encontrariam n'esta orbita e que, sabidas as contas, o sitio podia muito bem não ser tão insulado como eu o suppunha, a principio.

E não obstante, a julgar pelo socego que reinava nas immediações, era certissimo acharmos em um descampado. Passeei para cá e para lá, trauteando uma aria para me animar, e dizendo

mos ser um novo, ainda hesitante em seus processos de pintura mas que é uma promessa.

Ao entrarmos na segunda sala e seguindo pela direita, podémos apreciar os quadros de Almeida e Silva *A vespera da festa* e *A viuva do grévista*. Este pintor tem o melhorado consideravelmente os seus processos de pintura, com o que muito folgamos, porque aqui lhe apontámos em exposições preteritas a dureza e mesquinhez da sua factura. O effecto dos seus quadros agora é mais justo e menos duro. *A viuva do grévista* é um quadro impressionante, em que as duas creanças que se aconchegam com a mãe, n'aquelle sotão esconso, sem luz e sem conforto, intristecem-nos o coração; assim a pobre viuva exprimisse bem toda a magua que deve sentir, mas de que o artista se não possuuiu bastante ao fazer a sua obra. Para pintar a dôr é myster sentil-a.

E seguindo pelo mesmo lado encontrámos dois retratos, tamanho natural e corpo inteiro. Um de Ruivo Junior, discipulo de Culumbano, que segue a escola do mestre, outro de Carneiro Junior, discipulo de Marques d'Oliveira, de Benjamin Constant e Paul Laurens. São duas promessas auspiciosas.

No meio d'estes retratos vêmos um quadro de Colação. *A volta da batalha*, cuja composição é mais feliz que o d'ssenho, agradando-nos muito mais os azulejos d'este artista, que logo á entrada da exposição se nos deparam. Esta decoração portugueza, vinda das tradições arabes e que chegou a estar abandonada, resurge agora com tanto ou mais brilho que teve, graças aos esforços de alguns artistas, em que Jorge Colação toma parte distincta.

Mas voltemos aos quadros e se pelo tamanho só elles se podessem apreciar teriamos que nos deter ante uma grande paisagem de Trigo, que ficava melhor sem as alimarias e as lavadeiras, ou coisa que o valha, entrouxadas sobre as carroças. Fronteiro a este quadro, outra paisagem, de Saude, *Manhã*, agradou-nos, ainda que um tanto exagerada no effecto de luz.

Sobre um fundo bem escuro pintou David de Mello tres pobres velhas em seus trajas negros, comendo cada uma umas miseraveis sopas da marmitta de lata luzente que seguram nas mãos. E' *A sopa da Santa Casa*. Bem estudadas as cabeças das velhas e as mãos, este quadro apresenta visíveis remeniscencias de um outro que o mesmo artista expôz o anno passado e que intitoulou *A missa em Natre Dame*.

De Thomaz de Mello Junior podémos ainda ver n'esta sala umas marinhas dignas de menção, e de Fernandes de Sá um delicioso busto de creança cinzelado em marmore, primorosamente.

E eis-nos na terceira e ultima sala em que logo nos chama a attenção um magnifico desenho a pastel de El-Rei D. Carlos, que sempre vem animar estas exposições com o seu valioso concurso.

Uma nota distincta de um rei artista, sem lisonja o dizemos, e por cortezão nos não tomem os que não tiverem visto os trabalhos do Senhor D. Carlos, os que não tiverem visto sim, porque quantos visitarem a exposição seguramente apreciar as obras que El-Rei ali se tem dignado expôr.

Este anno mandou para aquelle concurso d'arte uma paisagem do Alemtejo, onde vae ameadadas vezes fazer seus estudos do natural como verdadeiro artista.

Nada mais simples que o assumpto do seu quadro. Um sobreiro no primeiro plano, desenhado com firmeza, ao fundo denso sobreiral no segundo plano, cortado pelo caminho que conduz ao monte onde umas cazinhas muito caídas, alvejam lá em cima destacando-se no ceu azul purissimo.

A côr, a luz, a perspectiva aerea d'este quadro é tão justa e verdadeira, que parece estarmos na presença da propria natureza.

Se não tivéssemos que relancear nossas vistas pelo resto da sala, aqui nós quedaríamos plenamente satisfeitos; mas é preciso concluirmos a nossa visita e não sahiremos sem notar uma primorosa aguarella de Roque Gameiro que só por si vale a reputação d'um aguarellista. E' um retrato que antes parece pintado a oleo que aguarellado. Sabendo-se quanto é difficil manejar os pinceis de aguarellista, em que tão poucos se distinguem é de alto apreço encontrar um mestre.

Não deixaremos de mencionar umas bonitas cabeças, desenho a pastel, da sr.<sup>a</sup> D. Emilia Santos Braga. As aguarellas de Ribeiro Arthur de typos militares; ainda uns quadros de genero de Ferreira Pinto que se vêem n'esta sala; as engraçadas caricaturas de Francisco Valença; os projectos dos architectos Alvaro Machado e Parente.

E nesta rapida visita mais não nos foi possivel apreciar.

Se podermos lá voltaremos.

C. A.

com os meus botões que estavam bem ganhos os meus cinquenta guinões.

De subito, sem que eu tivesse presentido a minima bulha, e em meio do mais absoluto silencio, eis se abre muito devagarinho a porta. A mulher que eu já tinha visto, assomou entre os umbraes, emoldurada em trévas; o seu rosto formoso e intelligente, alumado em cheio pela luz do meu candeeiro, denunciava intenso pavor, e a mim proprio m'o transmittiu. A tremer, acenou-me que não fizesse bulha, apar do que, segredou-me ao ouvido umas palavras em mau inglês, volvendo sem cessar os olhos para a porta aberta por detrás d'ella, qual féra acoçada de perto.

— Eu, no seu lugar, retirar-me-ia, proferiu, tentando imprimir firmeza á voz; não me demoraria aqui, por caso nenhum, o senhor não é pessoa para a empreitada que o espera.

— Mas, se eu ainda não dei conta da minha tarefa, minha senhora? Não posso retirar-me sem ter passado revista á machina.

— Creia no que lhe digo, não espere mais, prosseguiu a dama.

Eu, infelizmente sou teimoso por natureza, e tanto mais disposto a arriscar-me em um negocio quanto mais obstaculos se me suscitam.

(Continua)

M. Macedo.

## A natureza e seus phenomenos

### PHYSICA

#### PARTE III

### CALORICO

#### CAPITULO I

#### O calor e seus efeitos

Os phenomenos calorificos explicam-se, hoje, pelo movimento mais ou menos rapido das moleculas de um corpo, movimento variavel consoante a temperatura d'esse corpo. A transmissão d'esse movimento vibratorio é que produz a sensação do calor.

O nosso corpo, cuja temperatura é constante, sentindo frio ou calor, quando em contacto com uma superficie fria ou quente, sente apenas um phenomeno relativo. Em absoluto, o frio não existe — se, muitas vezes, durante o inverno, sentimos frio, não é porque realmente o esteja, mas sim porque comparamos a temperatura actual com a temperatura que experimentámos no verão que, como se sabe, é mais elevada. No nosso clima, sentimos frio a uma temperatura proxima de 0°; no entanto, essa temperatura para os habitantes das regiões polares é extremamente benigna. Tudo é, pois, relativo. O que para uns é calor, para outros, por conseguinte, é frio; no entanto, em temperaturas abaixo de zero, ainda existe calor, visto que, as moleculas dos corpos não cessam de ter movimento vibratorio.

A temperatura a partir da qual não existe calor será, pois, aquella em que as moleculas dos corpos cessem, por completo, o seu movimento vibratorio. Attingido esse ponto, não podemos conceber a existencia de nenhum corpo. E' essa temperatura que se denomina, physicamente, o zero absoluto, o qual corresponde a 273° centígrados abaixo de zero.

A transmissão d'esse movimento vibratorio faz-se por intermedio do ether fluido elastico e imponderavel que se suppõe existindo no espaço.

Dois corpos desegualmente aquecidos em presença um do outro, tendem a equilibrar as suas temperaturas, cedendo, o mais quente, calor, afim de produzir elevação de temperatura no corpo mais frio.

Se esses corpos tiverem a distancia, dar-se-ha o phenomeno da irradiação do calor. Estando os corpos em contacto, a propagação do calor faz-se de molecula em molecula.

A propriedade que os corpos teem, em adquirir mais ou menos calor, chama-se *conductibilidade calorifica*, a qual se faz sempre em linha recta, por meio de ondas calorificas, assim como vimos, no som.

A quantidade de calor que empregamos para produzir igual augmento de temperatura, em diversos corpos, não é igual em todos estes.

A essa quantidade de calor necessaria, denomina-se *calor especifico*. Essa quantidade variavel

depende da maior ou menor resistencia que as moleculas dos corpos oppõem para receber esse calor.

A unidade de calor especifico, é a *caloria*, quantidade de calor necessaria para elevar um kilogramma de agua, de 0° a 1°.

Todos os corpos pelo calor dilatam-se.

*Dilatação* é o augmento que o corpo experimenta nas suas dimensões, pela acção do calor.

Nos solidos ha a considerar a dilatação *linear* e a dilatação *cubica*.

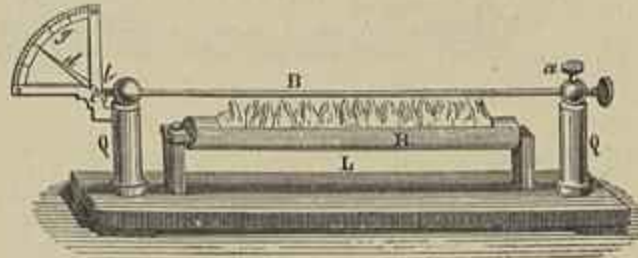


Fig. 42 — Dilatação linear dos solidos

*Dilatação linear* é a dilatação produzida no comprimento de um corpo, pela acção do calor. Colocando uma barra de ferro n'um suporte, affixando-se n'um ponto fixo e podendo dilatar-se livremente do lado opposto, onde existe uma agulha pendente sobre um quadrante graduado, e aquecendo a barra por meio d'uma lampada de alcool, a agulha mover-se-ha, o que denota ter havido uma dilatação no comprimento da barra. Se resfriarmos a barra a agulha volta á sua posição primitiva, visto que o corpo se contrahe de novo.

*Dilatação cubica* A dilatação cubica dos solidos reconhece-se aquecendo uma esfera metálica que, a frio passa por um circulo de ferro e que, depois de quente, o não pôde atravessar.

Este phenomeno dos corpos solidos teem innumeradas applicações. Assim, para guarnecer as rodas das carruagens, colloca-se e ajusta-se, em cada uma das cambas, um circulo de ferro em brasa, o qual, resfriando, contrahe-se apertando as rodas. Sendo necessario tiral-o, temos de o aquecer de novo.

E', pela dilatação que os objectos de vidro aquecidos, partem, ou ainda se fracturam quando se resfriam subitamente.

Um dos corpos que faz excepção á regra geral é a *argilla* que se contrahe pelo calor, o que se attribue á perda da humidade que ella experimenta, quando aquecida. O mesmo succede ás madeiras verdes. Estes corpos, pelo resfriamento, não adquirem o seu volume primitivo.

A desigual dilatação dos metaes applica-se ás pendulas dos relógios, afim de as conservar sempre no mesmo comprimento para que o tempo das oscillações seja constante, embora a temperatura externa varie. No pendulo metálico compensador, a lentilha do pendulo suspende-se por varias hastes, alternadamente de aço e latão, collocadas de forma tal que a dilatação das primeiras seja de cima para baixo e as das outras, em sentido contrario. O comprimento das hastes devera ser proporcional á dilatação dos metaes.

*Dilatação dos liquidos.* Temos a considerar, n'estes, a dilatação do liquido pelo calor (dilatação real) e a dilatação relativa ao vaso em que o liquido é aquecido (dilatação aparente).

A dilatação real é, pois, igual á dilatação aparente, menos a dilatação do vaso em que o liquido é contido.

Um balão de vidro com um tubo contém agua até certa altura. Se o aquecermos, o liquido subirá pelo tubo, o que denota a sua dilatação.

A dilatação da agua offerece um caso particular. Quando a temperatura baixa, o seu volume diminue até 4°,1, augmentando desde essa temperatura até 0. O seu maximo de densidade é, pois, á temperatura de 4°,1. Por esse motivo é que o gelo fluctua na agua.

A maior parte dos liquidos dilatam-se irregularmente, sendo o mercurio o que se dilata com mais regularidade.

*Dilatação dos gazes.* Enchendo um balão com um gaz córado e aquecendo-o, veremos que o nivel do gaz sobe, o que denota a sua dilatação. São estes, os corpos mais regularmente dilataveis.

A experiencia indicada para demonstrar a dilatação dos liquidos, dar nos-ha uma ideia sobre a constrcção dos *thermometros*, instrumentos destinados a avaliar as temperaturas.

*Temperatura*, é o grau de calor de um corpo. Tomando um tubo capillar de igual diametro

em toda a sua extensão e terminando um dos seus extremos, por um reservatorio espherico ou cylindrico, deitamos-lhe mercurio ou alcool córado, pela parte superior, com o auxilio de um funil. Aquecendo o tubo, o ar interior, dilatando-se, sobe, e o mercurio ou alcool córado, em virtude do resfriamento immediato do instrumento, entra para dentro do tubo. Repetindo esta operação, por varias vezes, consegue-se encher o tubo, o qual é, em seguida, fechado á lampada. Resfriando o tubo, o mercurio contrahe-se, ficando o vacuo na parte superior do nivel do liquido.

Temos assim, construido o *thermometro*.

O *thermometro* gradua-se, introduzindo o instrumento, no gelo fundente, e marcando 0°, no ponto de estacionamento do mercurio ou alcool córado e 100°, no ponto onde o mercurio ou o alcool córado, estacionar, quando mergulhado n'uma atmosphera de vapor d'agua fervente. Dividindo o espaço em 100 partes eguaes e continuando as divisões para baixo de zero, cada uma d'estas divisões corresponderá a um grau centigrado. E' esta, a escala de *Celsius*.

Na escala *Reaumur*, os pontos fixos são os mesmos, porém, no ponto onde *Celsius* marcou 100°, *Reaumur* marcou 80°, temperatura a que sobe o seu *thermometro*, quando mergulhado n'uma atmosphera de vapor d'agua fervente.

*Fahrenheit* obteve o zero do seu *thermometro*, mergulhando-o n'uma mistura de gelo e sal amoniac, marcando 212°, na temperatura da agua fervente, e dividindo o espaço em 212 partes eguaes.

A relação das tres escalas, *Celsius*, *Reaumur* e *Fahrenheit* é, pois, a seguinte:

$$\begin{aligned} C &- R &- F \\ 100 &= 80 &= 180 \\ 0 &= 0 &= 32 \end{aligned}$$

As divisões abaixo de zero, chamam-se *negativas*, as divisões acima de zero, *positivas*.

A temperatura mais baixa que o mercurio pôde indicar é a de 39° negativos visto que este gela a 40° (abaixo de zero). Para temperaturas mais baixas, emprega-se o alcool córado.

Para conhecer a temperatura maxima e minima de um lugar, n'um certo dia, servimo-nos dos *thermometros* de *Negretti* e *Zambra*. O que nos indica a maxima, é um *thermometro* de mercurio com index de aço; o que nos indica a minima, é de alcool com index de esmalte. Ambos os instrumentos collocam-se no mesmo quadro.

A temperatura augmentando, o mercurio dilata-se, arrasta o index, que o não acompanha, quando o mercurio se contrahe, marcando, portanto, a maxima dilatação do mercurio, n'esse dia. No *thermometro* de alcool, o index é arrastado pelo alcool quando este se contrahe, mas quando este se dilata, abandona-o, indicando assim a maxima contracção do alcool n'esse dia.

(Continua)

Antonio A. O. Machado.



Fig. 43  
Thermometro

## NECROLOGIA

JULIO VERNE

No dia 24 de Março falleceu em Amiens o notavel escriptor que o mundo inteiro conhecia pelos seus romances scientificos que fizeram epoca, e que hão de ficar marcando no mundo litterario uma escola; o ensinamento da sciencia pelo romance, como *Eugenio Sue* e *Alexandre Dumas*, pae, haviam feito o ensinamento da historia franceza; o primeiro nos seus *Mysterios do Povo* o segundo no *José Balsano*, no *Colar da Rainha*, nos *Tres mosqueiros*.

Percorrendo essa extensa galeria dos trabalhos do eminente escriptor desde *Da terra á lua* até á ultima publicação da casa Htzel, o editor preferido de *Julio Verne*, vemos que em todos elles o

